

RESUMO: Os grandes temas de circulação, no século XIX limitavam-se: estagnação e desenvolvimento, acumulação do passado. A grande “mania do momento era a história”. Porém, no segundo momento do século XIX começa a surgir mudanças no que confere às temáticas, e valorização das forças presentes em espaços como os bares, pois, destes emana um poder de afeto, de diálogo, de interação entre indivíduos que estão para além de limites que até então eram marcantes. Olhar as relações de vizinhança na época atual se posiciona como um dinamismo desses espaços e não como técnicas. O plural dos sons, das vozes, dos olhares, elementos de convivências que compõem constantemente esse círculo das heterotopias, dos corpos e sua linguagem.

Palavras-chave: Corpo; Linguagem; Heterotopias; subjetividade.

O CORPO E SUAS LINGUAGENS ATEMPORAIS

[...] *A vida*

*É um grito a clamar...
Vês? Que lua linda...
Ouves? Um bem- ti -vi a cantar...
Olhas? Uma estrela cadente...
Sentes? O perfume da flor...*

*Por fim, a vida é...
NÃO MAIS QUE BELAS RETICÊNCIAS...
(Alves, 2015)*

O que somos? Figuras refletidas no espelho da própria vida, em volta de nós existem apenas outros milhões de imagens cujas formas estabelecem paradoxos entre ser e existir. Não! Não é tão fácil estabelecer definições, às vezes o que existe são campos existenciais indefiníveis, mas eis que há uma sabedoria milenar em tudo isso. Existem corpos, linguagens, pensamentos, independente de épocas os corpos afetam e são afetados pelo poder do encontro das palavras, saberes, inquietudes, das subjetividades.

Em seu texto Heterotopias, Foucault,

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares afetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias [...] (FOUCAULT, 1984, p. 415).

Há uma infinidade de lugares, por meio dos quais constantemente se aprende a enxergar coisas muitas vezes não nítidas no campo de visão. São as heterotopias uma espécie de contraposição às utopias. O momento dos “entrecruzamentos” do experimentar de novos espaços que acontece nas experiências do indivíduo se constituindo como desafio, levando-o a um olhar atento, ao perceber particularidades nos acontecimentos, problematizando-os, desviando-os a partir de suas experimentações, espaço das múltiplas possibilidades que circulam socialmente e afetivamente quando um corpo “toca” outro corpo. É preciso sentir que não existem unicamente “espaços físicos”, mas o lugar das ações, falas, sentimentos, atitudes. Para Espinosa:

[...] Um corpo qualquer Espinosa define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e movimento, de velocidade e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este o poder de afetar e ser afetado [...] (DELEUZE, 2002 p, 128).

Cada corpo é dono de uma essência particular, e isso se constitui como peça-chave para o aprimoramento do “ser”. A partir do instante que existe a capacidade de olhar diante do espelho e vê além de uma imagem refletida, mas ser capaz de enxergar erros, acertos, fragilidades e força, pode-se dizer que o caminho está sendo trilhado sem perfeições, mas de forma mais concreta.

[...] “Meu corpo será apenas o texto que tu escreves sobre ele, significante indecifrável para qualquer outro que não tu. Mas o que és tu, Lei, que mudas o corpo em teu sinal?”... Cada impresso repete essa ambivalente experiência do corpo escrito pela lei do outro. Conforme os caos, ele é a sua metáfora longínqua e gasta que não atua mais na escritura encarnada, ou então é a sua memória viva quando a leitura toca no corpo as cicatrizes do texto desconhecido que aí se acha impresso há muito tempo. (CERTEAU, 1998, p.232).

Lei, corpo, escrita, a tríade de elementos que nas proximidades e distâncias vão demonstrando, organizando espaços e construções. A lei aqui, não assume o lugar de impor regras, sua função não será aprisionar, mas libertar nas impressões, nas leituras, no toque, no folhear páginas, no sentir das forças.

Trata-se de mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, e o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos [...] por um único e mesmo movimento que chegaremos se for possível, a captar a potência do corpo para além das condições dadas da nossa consciência [...] (DELEUZE, 2002, p23-24).

Espinosa covida a tomar o corpo como modelo, pela extrema capacidade de exteriorizar aquilo não visto pelos olhares desatentos, e/ou aqueles que só enxergam o que lhes é cômodo. Personagens precários sejam um bêbado, louco, andarilho produzem forças contribuindo na continuidade das relações que estabelecem por meio de laços de afeto – não no sentido de sentimentalidades- com outros corpos. Existe em torno disso uma “exigência” aos olhos que é atentar-se para esses corpos, e seu poder.

Imaginar, e ao mesmo tempo sentir o corpo como lugar de grande produção de linguagens, ultrapassando linhas divisórias que constantemente são criadas, existem para além disso, forças anônimas que se aproximam e distanciam entrelaçando afetos e afetares. O poder que existe em um corpo está longe de definições, corpo pode ser barulho, sons, ecos longínquos, música, ideia, coletividade. Sobre isso fala Deleuze,

[...] Entendemos por latitude o conjunto de afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir e poder ser afetado). O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de iminência de ser remanejado, composto, recomposto, pelos indivíduos e pelas coletividades. (2002, p 133).

As longitudes e latitudes como esferas de distâncias e proximidades refletem o movimento em torno de corpos diversos, permitindo conhecer suas proporções construtivas, no estar em repouso e ao mesmo tempo em movimento podendo este ser leve e ao mesmo tempo tempestivo, porém constante. O poder de um corpo seja ele precário¹ ou não está no grau

¹ Precário no sentido de corpos frágeis e improdutíveis aos olhos da sociedade, mas que emanam forças para além.

interpretativo que se faça dele, mas no poder de afetação nas marcas que um determinado corpo deixa no outro, e por sua vez, a possibilidade desse outro lhe afetar, em pequenas, medias e grandes proporções. Corpo é experimento, a partir dos próprios descompassos. Ramos (2008. p, 11): “Meu corpo se parece muito comigo, embora eu o estranhe às vezes. Tateio minuciosamente as pequenas saliências da pele”. Antes de tudo é necessário “tatear” os corpos, para que os sentidos possam conhecê-los, em seu universo de possibilidades.

[...] Pensar toma então novas figuras: tirar singularidades, reencadear as tiragens; e a cada vez, inventar as series que vão da vizinhança de uma singularidade até a vizinhança de outra. Há singularidades de todos os tipos, sempre vindas do fora: singularidades de resistência, que preparam as mutações [...] (BADIOU, 1997, p, 150).

Na Literatura existe uma infinidade de corpos ficcionais, merece ser citado Quincas Berro d'água, personagem da obra *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, do escritor baiano Jorge Amado é uma marca “viva” de corpo precário que dialoga perfeitamente com outras personagens de obras literárias distintas, mas que dialogam, a exemplo das personagens de Lima Barreto, são corpos que se encontram pela vibração de suas forças Quincas um personagem ficcional porém capaz de abarcar elementos sociais, políticos, econômicos, afetivos. Sem definições, é possível senti-lo em dois momentos, por um lado o homem Joaquim Soares da Cunha trabalhador, casado com uma estrutura familiar exemplar e aplaudido diante da sociedade. Por outro, Quincas aquele que decide abandonar tudo - sem apagar as lembranças, pois todos esses elementos foram necessários para sua decisão- cansado escolhe as ruas, os bares a sua “eterna” malandragem. Nesse momento oficialmente preguiçoso, reconstrói a si mesmo.

[...] Não era Joaquim Soares da Cunha, correto funcionário da Mesa de Rendas Estadual, aposentado após vinte e cinco anos de bons e leais serviços, esposo modelar, a quem todos tiravam o chapéu, e apertavam a mão. Como pode um homem, aos cinquenta anos, abandonar a família, a casa, os hábitos de toda uma vida, os conhecidos antigos, para vagabundear pelas ruas, beber nos botequins baratos, frequentar o meretrício, viver sujo e barbudo, morar em uma infame pocilga, dormir em um catre miserável? (AMADO, 2008 p, 27).

O viver não homogêneo, mas cultivar percepções diversas cuja significação está em (re) pensar posturas, levantar inquietações ao trazer suas afecções como essencial, pois, ela é uma ponte que estabelece relações entre “artificial e natural”, o (des) cumprimento de regras, não segue uma

direção apenas, é por meio dela que assumimos “autovisões” daquilo que almejamos e escolhemos. Somos, portanto, donos de nossas escolhas, ou responsáveis por falhas, o nosso corpo assume, uma espécie de postura “dualista” nos autoavaliando, refletindo, envolto em subjetivações que não limita nessa infinidade de “eus” fragmentados.

PERSONAGENS FICIONAIS E não ficcionais SUA(S) ATEMPORALIDADE(S)

*“[...] A vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte?”
(FOUCAULT apud KLINGER 2014, p. 49)*

A vida como uma grande obra de arte, cheia de encantos apesar dos desencantos. No contexto contemporâneo o corpo vive um ritual distancias e proximidades, onde as experiências se compõem em narrativas atemporais.

Ao lermos certos romances somos cativados pela força que sentimos na fala de cada personagem, no modo como o narrador conduz sua narrativa, suas pausas, seu humor tudo isso são detalhes que não são aleatórios aos olhos daquele que lê, que a depender do grau de “convencimento” se envolve plenamente. O personagem é uma criação ficcional com corpo, personalidade e voz, suas características são apresentadas não por mera forma de constar, mas porque em meio a esse corpo ficcional, há um discurso eu diria bem “real”.

O texto e contexto se unem em conjunto com outros elementos, o “mundo lá de fora”, não se desprende do “mundo interior”, as escolhas de Isaias não o fizeram negar o outro, pelo contrário suas percepções partiram do olhar que ele lançou de si para si, e das relações com outras pessoas, ao decidir por mudar, ele se percebeu enquanto sujeito.

[...] não vivemos um espaço homogêneo e vazio, mas pelo contrário, em um espaço inteiramente carregado de qualidades, um espaço que talvez seja também povoado de fantasmas; o espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões possuem neles mesmos qualidades que são como intrínsecas; é o espaço leve etéreo, transparente, ou então é um espaço obscuro, pedregoso, embaraçado: é um espaço do alto, um espaço dos cumes, ou é, pelo contrário, um espaço de baixo, um espaço que pode ser limo [...] (FOUCAULT, 1984, p, 413-414).

Viajantes no “trem da vida”. Às vezes na imobilidade não se percebe movimentamos de dos vagões do trem. Porém, quando este ganha velocidade, impulsiona a sair do estado de inércia e circular. O caminho são os passos em movimentos cinéticos que tecem lugares, mapeando a existência. Cada

ser humano é um viajante e tem em si aquilo que nos parece essencial, vindo de si para o exterior de sua superfície.

Por fim, a subjetividade parece nunca revelar-se completamente, o sujeito a tem sem mesmo notar que ela o habita, mas inevitavelmente. A pele é o pergaminho, diz Certeau, pensar a vida, o colorido ou ar apático do cenário, os sons, a loucura, morte, figuras comuns, cenas “insignificantes”, ruas, rotina e tantos outros elementos vistos como inférteis, a sabedoria é trilhada a partir das experiências, de suas crises, de suas falhas, de seus deslizes, dos afetos positivos ou não, do não perceber-se subjetivo. Somos corpos subjetivos.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 1ed. São Paulo> Companhia das Letras, 2008.

BADIOU, Alain. *Deleuze – o clamor do Ser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BARTHES, Roland: *Ousemos ser preguiçosos*. In: O grão da voz; LARANJEIRA, Mário (trad.); FERREIRA, Ligia Fonseca (revi. Trad).- São Paulo. Martins Fontes, 2004.

BOSI, Alfredo: *Literatura e resistência*. - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CERTEAU, Michael: *A arte de fazer -invenção do cotidiano*. ALVES, Ephaim Ferreira (tradução).- 3º Edição. Editora Vozes. Petrópolis, 1998.

FOUCAULT, Michael. *Arqueologia do Saber*. NEVES, Luiz Felipe Baeta (tradução). 7º ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DELEUZE, Guilles. *Espinosa: Filosofia prática*. - São Paulo: Escuta 2002

KLINGER, Diana. *O sentido da escrita*. In: Literatura e ética: da forma para força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014,p.49-85.

RAMOS, Nuno. *Manchas na pele, linguagem*. In: Ó Nuno Ramos. - (4º reimpressão, 2012). São Paulo: Iluminares, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, org. e introdução. *Contos Completos de Lima Barreto* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VEYNE, Paul: *Como se escreve a História*. Tradu. Baltrar, Alda; Kneipp, Maria Auxiliadora. 3º Ed. Editora UnB. 1970.

Disponível: <http://www.uesb.br/eventos/pensarcomfoucault/leituras/outros-espacos.pdf>. Acessado em 03/04/2015 às 19h30.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Graduanda do curso de Letras Vernáculas e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia- Uneb- Campus IV- Jacobina Bahia. Bolsista/Id Pibid. Professora do fundamental I. Com publicação em Antologia Poética CNNP-Concursos Novos Poetas 2015, com o Poema *Sentir*. Publicação no concurso Poetize 2016/antologia, com o poema *Noites de Verão*. Participa do site de publicações da Obvious, tendo página intitulada *Entre Rabiscos e Palavras*. Artigos publicados:

A imagem do Sertão em o Quinze de Raquel de Queiroz; Em uma página de minha agenda; José Saramago e seu Memorial de um Convento; Os Capitães de Areia da Jorge Amado; Música é Sentir; Lima Barreto: O intelectual para além de seu tempo; o “mundo” nos escritos Carolina Maria de Jesus.

Participou do Evento desleitura em Série no Campus IV, com trabalho *Entre Rabiscos e Palavras: Os Desafios da Docência*.

No mesmo campo ministrou a Oficina/Libras: Libras: as mãos que falam no silêncio das palavras.

No SIMPÓSIO “História oral e narrativas: instrumentos para preservação da cultura afro-brasileira & Quintais, roças e quilombos: afirmação e identidade negra em movimento”. Apresentou comunicação, intitulada *Cotas Raciais: Existe o lugar dos iguais?*